

FIORIN, José. Luiz. **Figuras de Retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

## **ENTRE SIGNIFICANTES E SIGNIFICADOS: FIGURAS DE LINGUAGEM E RETÓRICA, LITERATURA E ENSINO**

Sílvio Takeshi Tamura<sup>1</sup>

Talvez seja a comunicação a invenção mais complexa e sofisticada da humanidade. Comunicar não é nenhum luxo. É uma necessidade para a manutenção da vida em sociedade. Por meio dela, as informações são irradiadas, esclarecendo fatos, repassando notícias e veiculando mensagens. No tocante à linguagem escrita, um texto não é simplesmente um conjunto de letras, frases e orações. Entre palavras e expressões, há uma intenção advinda de um enunciador dirigida a um enunciatário. Portanto, um texto carrega consigo uma série de recursos que buscam atingir o leitor, de modo a conquistá-lo. Sensibilizar, impressionar, cativar, encantar, atrair, envolver, e dentre outras finalidades estão, no texto, os objetivos do emissor. E, nesse sentido, a persuasão é uma arma poderosa. Todo texto é escrito sob uma expectativa, redigindo-o no intento de seduzir seu público, suscitando-o.

Um publicitário, ao criar o roteiro de uma propaganda, está, empenhadamente, diligenciando-se na tarefa de conseguir instigar o consumidor a comprar tal produto. Um músico, ao compor uma canção, procura expressar, na letra da melodia, sentimentos que toquem o ouvinte. Um namorado, ao escrever uma carta, esforça-se para demonstrar o quão apaixonado está pela amada. Em vista disso, a produção de um texto é feita apoiada em numerosos recursos de linguagem.

Lançado em 2014 pela editora Contexto, *Figuras de Retórica*, de José Luiz Fiorin, apresenta um arcabouço extremamente rico em exemplos, conceitos, compreensões e formulações sobre diferentes mecanismos existentes na língua portuguesa. O autor lembra que a Retórica não é de reconhecimento recente, e sim de domínio desde a Grécia Antiga (FIORIN, 2014); e de lá para cá, tem sido pesquisada e estudada por diversos investigadores e especialistas das áreas da linguagem, linguística, literatura e também no campo do ensino. Alfabetizar e formar leitores não é meramente um processo de letramento mecânico; é um método que deve despertar no aluno/a uma abstração muito maior sobre os entendimentos da

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), *campus* Cuiabá, Brasil, e-mail: [sttam\\_mail@terra.com.br](mailto:sttam_mail@terra.com.br)

língua vernácula. Observa-se, por exemplo, que o emprego de uma simples aspas pode mudar, por completo, o significado de uma frase, de um enunciado, de um texto.

O livro classifica as figuras em: Tropos (lexicais e gramaticais); e Figuras Não Trópicas (Figuras de aumento, repetição, acumulação, acréscimo, diminuição, transposição e troca). Além disso, a obra aborda, de maneira primorosa, um universo abundante de questões referentes às figuras de linguagem, entre algumas delas: metáfora, metonímia, sinédoque, antonomásia, apóstrofe, oximoro, sinestesia, hipálage, ironia, lítotes, hipérbole, eufemismo, perífrase, silepse, enálage, metalepse, hendíade, zeugma, eclipse e dentre tantas outras.

Esta publicação apresenta-se como uma importante referência teórica para aqueles que desejam se dedicar aos estudos e pesquisas sobre a linguagem, linguística, literatura e ensino, contemplando diversas áreas do conhecimento, sobretudo as ciências humanas e sociais, particularmente os campos das letras, educação, sociologia, comunicação, antropologia e esferas correlatas. A leitura é aprazível e de claro entendimento, utilizando-se de explicações assentadas em poesias, trechos de romances, contos, crônicas, sonetos, hinos, teatros, peças publicitárias, inserções em páginas da web e artigos de revistas.

Visivelmente, a obra tenciona fazer uma interação entre a Retórica e a linguística moderna, e no contexto contemporâneo, esta discussão é respaldada pelo o que o autor denomina de argumentação. E tais argumentos são corroborados por meio da intensificação de seus usos e recursos, particularmente no sentido semântico. E, no livro, o que não faltam são bons exemplos de tais significados semânticos para que o leitor possa compreendê-los.

A metáfora, a princípio, caracteriza-se por exprimir uma concentração semântica (FIORIN, 2014), denotando um intenso valor argumentativo, empregada tanto na linguagem textual – no caso da composição escrita – quanto verbal – na eventualidade de uma pronúncia – ou até visual – presente em logomarcas de empresas, imagens estampadas em folhetins e outras ilustrações. Na obra, analisa-se a palavra *cordeiro*: ao consultar um dicionário, é possível encontrar diversos significados para este vocábulo, desde animal, filhote de ovelha, mamífero, etc. Entretanto, dependendo do contexto em que este verbete apareça, poderá assumir outros sentidos: quando se afirma que um homem teve uma mocidade tempestuosa e, depois de velho, se transformou num cordeiro, verifica-se que este termo, agora, expressa a interpretação de manso, calmo ou pacífico. (FIORIN, 2014).

Em contrapartida, a metonímia indica uma difusão semântica (FIORIN, 2014), transferindo um valor semântico para o outro, expondo uma proximidade de significados entre duas locuções. Quando se relata que um indivíduo “bebeu somente um copo”, quer dizer, com

efeito, que ele tomou apenas o conteúdo que havia dentro de um copo, e não uma taça enquanto objeto. O mesmo ocorre quando alguém fala que certo homem é “um bom garfo” –, ou melhor, tal sujeito é um comilão, e não um utensílio metálico de mesa. (FIORIN, 2014, p. 37).

No caso da prosopopeia, há uma concentração semântica (FIORIN, 2014), atribuindo vida a seres não humanos, irracionais ou inanimados. Ao pronunciar que “A tarde descia, pensativa e doce”, percebe-se que a tarde está evidenciando qualidades humanas, bem visto na alegação de que estava “pensativa”, pois, ao pé da letra, a tarde não “pensa”, em razão de que se trata de um período do dia: o vespertino; e não autenticamente de uma pessoa. (FIORIN, 2014, p. 51). Ao contrário, nota-se o processo inverso quando são atribuídas características animais aos seres humanos – definindo, desta maneira, o que se denomina de animalização. (FIORIN, 2014).

A sinestesia é constatada quando há uma mistura de percepções sensoriais (FIORIN, 2014) como audição, tato, visão, olfato e paladar. Em *Figuras de Retórica*, expõem-se exemplos como: “sorriso doce”, “voz áspera”, “olhar frio” e dentre outros. (FIORIN, 2014). Na obra, há ainda uma paráfrase do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis: “Uma fada invisível desceu ali e me disse em voz igualmente macia e cálida: ‘Tu serás feliz, Bentinho; tu vai ser feliz’.” O fragmento “voz igualmente macia e cálida” reforça a mescla de dois sentidos sensoriais: voz (audição) e macia e cálida (tato). (FIORIN, 2014, p. 63).

A ironia, constantemente lida e reconhecida em diversas cenas literárias, entre contos, romances e outros gêneros, é também debatida nesta publicação teórica do professor José Luiz Fiorin. De acordo com este pesquisador, a ironia é um alargamento semântico (FIORIN, 2014), caracterizando-se como uma difusão sêmica, advinda do grego *ειρωνεία*, que significa “dissimulação”. Semanticamente, a ironia demonstra um significado invertido, representando uma prévia intenção do enunciador, provocando uma percepção de escárnio, desprezo ou sarcasmo. No livro, relata-se uma passagem do conto *A Parasita Azul*, de Machado de Assis: “Soares olhava para Camilo com a mesma ternura com que um gavião espreita uma pomba.” Percebe-se que, nesta afirmação, a palavra *ternura* denota um sentido contrário, de *frieza*. (FIORIN, 2014, p. 70).

Mais adiante, discorre-se sobre outra figura de linguagem – a hipérbole – que, segundo o teórico linguista, apresenta-se como um aumento da intensidade semântica (FIORIN, 2014). Para exemplificar a questão, transcreve-se uma sentença do romance *Helena*, de Machado de Assis: “Quando esta carta te chegar às mãos, estarei morto, morto de saudades de minha tia e

de ti”. No momento em que o personagem afirma que “estarei morto de saudades”, constata-se o uso de uma hipérbole, indicando, assim, um predicado não pertinente, uma vez que o protagonista não está verdadeiramente morto, mas sim, sentindo muitas saudades. (FIORIN, 2014, p. 70). A hipérbole não se delimita à linguagem escrita, podendo ser também contemplada na linguagem visual, claramente vista em diversas peças publicitárias, veiculadas em diferentes meios de comunicação, como gazetas, semanários e *sites* da internet. (FIORIN, 2014, p. 72).

Bastante conhecido, o eufemismo também entra na lista das figuras de linguagem explanadas em *Figuras de Retórica*. Conforme o conteúdo, o eufemismo qualifica-se como um tropo constituinte de uma compatibilidade predicativa, apontando uma amenização ou abrandamento da expressão. (FIORIN, 2014). Como exemplo, menciona-se a locução “tomei de empréstimo o relógio” que a princípio que dizer “roubei-lhe o relógio”, referente à passagem envolvendo um personagem do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (FIORIN, 2014, p. 79). Da mesma forma que outras figuras de linguagem, o eufemismo não se restringe aos sistemas verbais, podendo ser encontrado também em *outdoors*, vídeos, anúncios, promoções e campanhas de Marketing. (FIORIN, 2014).

Ao longo do compêndio, as temáticas também versam sobre as figuras de repetição. Estas repetições podem referenciar sons ou morfemas, entre algumas delas: aliterações, assonâncias e homeoptotos. Como demonstração, alude-se ao poema *Os Sinos*, de Manuel Bandeira, reiterando que os textos poéticos são capazes de recriar o significante e o significado, reproduzindo o conteúdo sensível na expressão sonora. (FIORIN, 2014).

De maneira oportuna, José Luiz Fiorin ressalta que, há tempos, na escola, os professores/as ensinam aos alunos/as, desde crianças, uma regra de estilística, que os orienta a evitar a repetição de palavras ou sintagmas idênticos, substituindo-as por sinônimos ou por um anafórico, quando possível (FIORIN, 2014). No entanto, o especialista em linguística defende a ideia de que em alguns casos a repetição é necessária, pois evidencia um sentido textual. Para esta elucidação, selecionou-se um extrato de Carlos Drummond de Andrade: “Minha casa está situada num bairro tranquilo. Moro nessa casa desde criança.” (FIORIN, 2014, p. 115). A segunda assertiva poderia ser reescrita como “Moro nessa residência desde criança” ou “Moro aí desde criança.” Porém, o manual afiança que, nesta sentença, a repetição do predicado é necessária, pois aumenta a extensão do texto. Noutra amostra, proferem-se as transcrições: “Ela era linda, linda, linda, linda”; e “Andamos, andamos, andamos, até avistarem a casa dele.” (FIORIN, 2014, p. 116). No primeiro excerto, ratifica-se

que o emissor quer destacar o quanto ela era *linda*, repetindo, assim, o adjetivo por várias vezes; e no segundo, o verbo *andar* é reforçado, na intenção de salientar o quanto eles andaram, até finalmente, avistar a casa dele. Portanto, argumenta-se que nem sempre a repetição de palavras é considerada um vício de linguagem ou um erro de escrita.

Outros casos de repetição também são discutidos ao longo da sùmula, cada qual com suas especificações e usos, bem detalhados e fundamentados em exemplos e citações de romances e demais gêneros. No final, há um índice remissivo, relacionando os quesitos estudados e suas respectivas localizações em páginas. Em seguida, encontra-se a bibliografia utilizada para a composição da pesquisa – referências de ótimo nível, que variam entre autores brasileiros, franceses, ingleses e suíços; além de obras contemporâneas e clássicas, como o *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, e *Rhétorique*, de Aristóteles. Por fim, há uma lauda terminante contendo informações acadêmicas sobre o professor José Luiz Fiorin – graduado em Letras, livre-docente em Teoria e Análise do Texto, mestre e doutor em Linguística com pós-doutoramento pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* e na Universidade de Bucareste. Além deste, é também autor de vários outros volumes, tendo publicado, igualmente, artigos científicos em revistas e periódicos especializados no País.

As figuras de linguagem fazem parte das ementas e conteúdos de diferentes graus de ensino, desde a educação fundamental, níveis médio e superior, sem dizer das grades curriculares dos diversos cursos de Letras espalhados pelo território nacional. Adicionando-se aos estudos da Retórica, estas pesquisas também podem ser encontradas em vários temas de trabalhos de pós-graduação, especializações, mestrados e doutorados. A leitura de *Figuras de Retórica*, de José Luiz Fiorin, é, assim, uma referência extremamente valorosa para a sustentação teórica e metodológica para múltiplas áreas, temas e investigações científicas. Vale a pena conferir e se debruçar sobre seus tópicos.

Data de recebimento: 29 de setembro de 2016.

Data de aceite: 10 de novembro de 2016.